

MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E A CONTRIBUIÇÃO DO DESIGN PARA O SEU TRABALHO

Marise Massen Frainer (mestranda) -UFGD
marisefrainer@ufgd.edu.br

GT 11 – Produção de material didático e organizações solidárias

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”

Manoel de Barros

A partir do fórum social mundial, ao final de 2001 é que se efetiva a busca por alternativas concretas e contra hegemônicas, para que estas possam ser postas em prática e, verdadeiramente, serem emancipatórias. A associação de pessoas para produção em forma cooperativa tem sido uma das alternativas mais comuns e exitosas, pois produz mais do que as empresas capitalistas, por razão da produtividade ser revitalizada diretamente em benefício dos próprios trabalhadores, e também pela facilidade em adaptar-se a diversidades que o mercado possa apresentar.

Pela participação ativa dos trabalhadores, e por serem na grande maioria, pequenas, esta flexibilidade de adaptação se torna maior. Outro fator importante, e muito positivo, principalmente na América Latina, é a capacidade de diminuir as desigualdades sociais e promover crescimento econômico. Pensando no caso do grupo pesquisado, *Mulheres em movimento*, as relações de reciprocidade tornam-se um ponto muito forte.

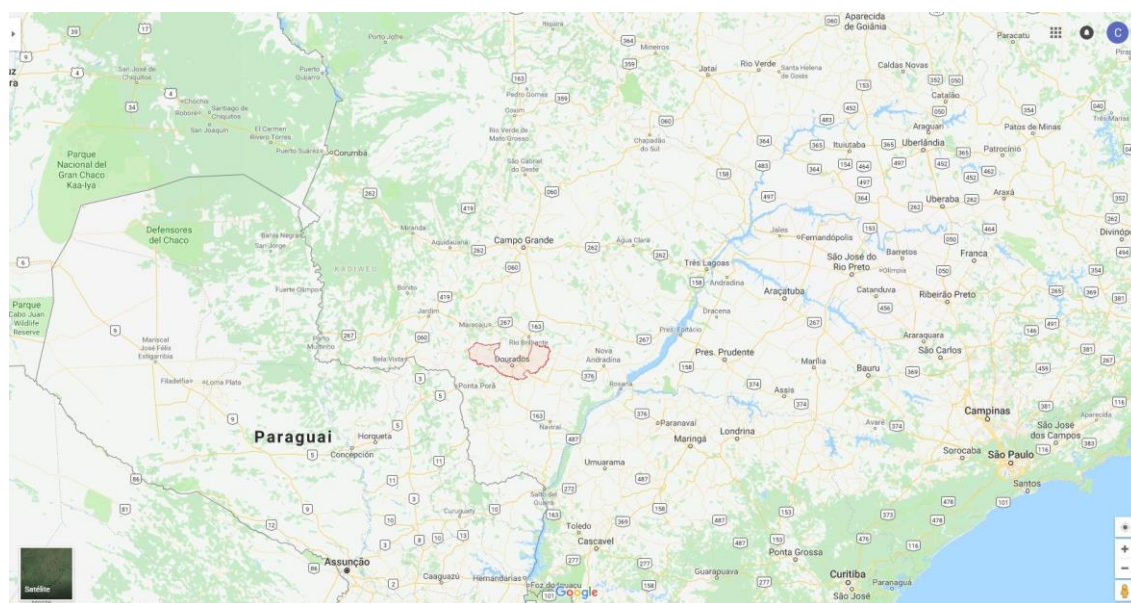
O desenvolvimento alternativo, de que nos fala SANTOS (2005) consiste num conjunto de propostas, construção e desenvolvimento de processos que tiveram início nos anos 1970 e que hoje demonstram resultados muito satisfatórios e fazem contraponto ao sistema econômico hegemônico vigente.

Baseando-se na igualdade, participação democrática, diversidade étnica e preocupação ambiental, todos estes pontos comuns nas diversas formas de economia

alternativa, a distribuição igualitária (ou proporcional) de lucros, funcionam como importantíssimo incentivo à produção.

A capacitação, a participação em feiras de bairro, formam um conjunto importante de incentivos ao grupo *Mulheres em movimento*. A responsabilidade coletiva em relação aos materiais produzidos, arquivamento de moldes, organização do ambiente de trabalho, ferramentas, máquinas, contribui para que explorem potencialidades, competências e seu poder de decisão, vivenciando o que SANTOS (2005: 47) vai chamar *desenvolvimento de base* ou *de baixo para cima*. É este tipo de desenvolvimento que propicia a construção do poder comunitário.

A cidade de Dourados¹ fica localizada ao sul do estado de Mato Grosso do Sul e tem como característica a multiplicidade de culturas que a formaram: migrações dos estados (PR, SP, RS) e país (Paraguay) vizinhos deram origem a jovem cidade fundada em 1935. A Vila São Brás fica localizada na periferia da cidade e fica vizinha a outros bairros onde a característica que mais chama a atenção é ter uma população que convive diariamente com muitas adversidades.



Dourados MS no mapa. Fonte: *Google maps*.

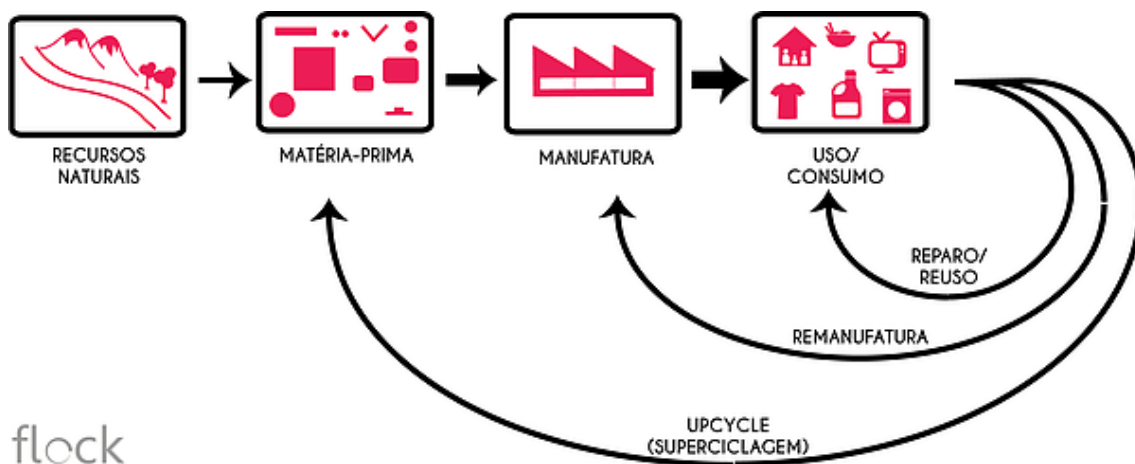
A ideia no início da pesquisa, ainda em andamento, foi escolher um grupo que fizesse parte dos grupos incubados pela ITSSC (Incubadora de Tecnologia Social e

¹ Para mais informações sobre a cidade de Dourados:
<http://www.dourados.ms.gov.br/index.php/cidade-de-dourados/> acesso em: 09/09/2018.

Solidária) da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) e, nesse caso, também houve influência da questão de gênero, pois este grupo é formado exclusivamente por mulheres fora do trabalho formal. Atualmente seis mulheres com idades que variam de 47 a 65 anos, formam o grupo, e quase todas trabalhavam na prestação de serviços domésticos anteriormente, deixando essa atividade por problemas de saúde.

O grupo costura todas as tardes num espaço cedido por uma instituição e utiliza como ferramentas de trabalho as máquinas de costura adquiridas por um projeto de extensão da UFGD. Elas começaram seus trabalhos fazendo bolsas, onde o reaproveitamento das lonas de banners descartados pela universidade foi a matéria prima principal. Esta forma de reaproveitamento de materiais entra numa categoria de produção hoje denominada como *upcycle*.

Dentro dessa perspectiva, podemos pensar numa outra proposta de produção, utilizando o reaproveitamento de materiais como matéria prima. O termo *upcycle* surgiu por volta dos anos 90 e se baseia na valorização do ciclo de utilidade dos materiais, diminuindo o gasto com energia, água, matéria prima e também contribuindo para a não emissão de gases.



Ciclo da matéria prima pelo sistema upcycle.

Fonte: <https://medium.com/neworder/a-nova-moda-upcycling-f6cab05628c3> acesso em: 30/08/2018.

As mulheres recebem um retorno financeiro bem pequeno por sua produção, que é vendida num ponto da biblioteca central da UFGD, localizada no campus e nas lojas de

economia solidária da cidade de Dourados (3 pontos de venda no centro da cidade) ou por encomendas de bolsas para eventos da UFGD, como congressos e feiras.

Pensando em auxiliar nas atividades dessas mulheres, a pesquisa iniciou como observação participante, propondo atividades semanais envolvendo discussão sobre a condição da mulher na sociedade, introdução ao design, introdução a economia solidária, apresentação de referências onde o ponto principal fosse o reaproveitamento de materiais, apresentação de alguns projetos envolvendo design e reaproveitamento de materiais (*upcycle*) e noções de precificação, mas, principalmente, fortalecimento das participantes, para se reconhecerem como protagonistas de suas vidas.

No início do período de atividades, as mulheres receberam material para desenhar em suas casas, como um exercício de resgate a subjetividade e, embora algumas não tenham aderido a atividade, outras se destacaram utilizando o desenho como forma de expressão. Essa proposta foi baseada nas atividades de Glória Anzaldúa, escritora mexicana, moradora da fronteira do México com os Estados Unidos.

ANZALDÚA (2015) propunha em suas aulas que seus alunos, fronteirizos com ela, escrevessem a qualquer hora e em qualquer lugar como forma de expressão de seus sentimentos e também como um exercício criativo:

Olvidate del “cuarto propio”
escribe en la cocina,
encierrate en el baño
escribe en el autobús
o mientras haces fila en el Departamento
de Benefício Social. (ANZALDÚA, 1987)

Elas seguem com os cadernos de desenho e até o final da pesquisa, para que possa ser avaliada a evolução dessa experiência, da qual um resultado já obtido foi a criação de uma logo para o grupo, a partir das ideias e desenhos das próprias mulheres, numa atividade de *brainstorming*².

² Esta “ferramenta”, criada há mais de 2300 anos, continua atual. Utilizá-la, identifica as formas de pensamento que estamos repetindo, abrindo-nos um arsenal de opções, criativamente, aumentando a quantidade de idéias. A utilidade desta, e de outras ferramentas de criatividade, é em si, uma facilitação para sair do bloqueio, dentro do qual, podemos estar inseridos sem nos dar conta. Fonte: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/741A876FE828908203256E7C00614A23/\\$File/NT00002206.pdf/ acesso](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/741A876FE828908203256E7C00614A23/$File/NT00002206.pdf/ acesso) em 16/09/2018.

A economia solidária na cidade de Dourados, teve início na gestão do Partido dos Trabalhadores na prefeitura, de 2001 a 2008, tendo perdurado por dois mandatos consecutivos. A criação da Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária em 2001, teve seus trabalhos iniciados pela implantação do programa “Coletivos para a Qualificação do Trabalho” tendo como pilares a qualificação profissional de pessoas que encontravam-se fora do mercado de trabalho.

A etapa de qualificação, denominada “Educação Cidadã” proporcionava aos participantes cursos sobre saúde, meio ambiente, auto estima e viria a possibilitar a essas pessoas se afirmarem na economia solidária de fato. Entendendo que a economia solidária se baseia na cooperação, autogestão e não necessariamente objetivando o lucro.

À época estavam em atividade 240 empreendimentos solidários que atendiam aproximadamente 800 pessoas para os setores de confecção, produtos de limpeza, artesanato, alimentação, prestação de serviços, além da cooperativa de catadores de papel. A Rede, como foi chamada, abrangia alguns bairros periféricos da cidade, porém o sistema de comercialização dos produtos acontecia muitas vezes na informalidade.

A ONG Mulheres em Movimento iniciou em meio a essas atividades, com a intenção de apoiar as pessoas atendidas por essas políticas e inseridas na economia solidária, para que tivessem o apoio financeiro através do micro crédito por intermédio do Banco Pirê³.

Após a mudança de gestão da prefeitura os programas foram modificados e atualmente a economia solidária em Dourados tem características bem diversas as propostas inicialmente.

Algumas das mulheres que hoje participam do grupo fizeram parte desses processos anteriores, mas que não tiveram a continuidade esperada. A introdução na economia solidária é um processo lento e envolve todo um “reaprendizado” dos processos de produção, mas principalmente o entendimento do que significa a auto gestão, a cooperação. Observa-se muita desinformação nesse sentido e foi no intuito de diminuir essas fragilidades que baseou-se a organização das atividades propostas ao grupo.

³ Banco Pirê, banco social de Dourados, ainda em atividade atualmente trabalha na perspectiva de fomento aos empreendimentos solidários.

Para SANTOS (2005), um fator importante na sustentação das economias alternativas é não travar uma concorrência com a economia hegemônica, mas buscar meios de diversificar as atividades econômicas alternativas e locais. Dessa forma as comunidades tornam-se mais independentes da economia hegemônica e os empreendimentos tem condições de fortalecer uns aos outros.

O design com papel social

O conforto e o acesso a tecnologias, provocou e ainda provoca grande impacto e conseqüente esgotamento da natureza. Estas observações foram feitas nos anos de 1960 por alguns autores da área de design (CARSON, 1962; PAPANEEK, 1977), sob diversas abordagens: ecodesign, *life cycle design*, análise de ciclo de vida, entre outras nomenclaturas. Os anos se passaram e hoje está ainda mais evidente a urgência na mudança de comportamento em relação ao consumo e no nosso modo de vida.

Na área do design, surgiram alguns movimentos nesse sentido, questionando a responsabilidade de uma área cuja função surgiu da necessidade principal de auxiliar as pessoas a desempenhar da melhor forma as suas atividades. Um teórico que se destaca no cenário da promoção de novas atitudes é o professor Ezio Manzini, que estuda os processos onde o design pode (e deve, em sua opinião) funcionar como o caminho para as transformações em uma sociedade mais consciente e sustentavelmente responsável.

Segundo MANZINI (2016), atualmente há necessidade de buscarmos um novo estilo de vida, baseado em novas formas de produção e de consumo. Se considerarmos as atuais condições do planeta, necessitamos modificar nossos meios de produção e consumo, caso isso não aconteça, poderemos estar caminhando para um destino catastrófico.

Esta responsabilidade pode ser traduzida na *inovação social*, como ele chama, onde a criatividade e novas formas de produção seriam um caminho para gerar novas possibilidades e capacidades. Outro fator importante citado por ele seria a utilização de maneiras colaborativas de produção.

Para ele a inovação social deve avançar no que ele chama "ilhas de sustentabilidade", com personagens que se opõem ao pensamento neoliberal e

conseguem, de alguma forma, reorganizar a sociedade. Ao mesmo tempo ele fala do inconveniente da lentidão e da pouca expressividade deste processo em relação ao todo da população mundial, embora seja um movimento já reconhecido.

A situação da degradação do meio ambiente é um grande desafio para a humanidade continuar vivendo com qualidade pelos próximos anos. A sede pelo lucro e a falta de preocupação com o destino de tudo o que se produz poderia ser a razão pela qual chegamos a atual condição de degradação de nosso planeta, segundo vários estudos dentro da área de gestão ambiental.

MANZINI (2017) iniciou o movimento *design social para a sustentabilidade*, onde a reordenação de processos de produção coloca o design como mediador para as propostas de processos de inovação social, diretamente ligados a uma mudança de mentalidade e também mudança de todo o sistema produtivo, direcionado a sustentabilidade e compromisso social.

O objetivo é que desde o projeto esteja previsto o envolvimento do produto e do serviço, ambos comprometidos com a sustentabilidade e com a questão social. Nessa perspectiva, o projeto deve estar acima de tudo, com a questão sócio ética prevista em toda a cadeia de sua produção.

É neste sentido que o *design social para sustentabilidade* entra em sintonia com a economia solidária. De acordo com os princípios da economia solidária, a sustentabilidade e o fator humano são importantes e dizem respeito a questão social da produção. O *design social para a sustentabilidade* estaria contribuindo nesse sentido, fechando um ciclo.

Se observarmos essa relação com o trabalho no grupo pesquisado, a costura das bolsas reutilizando os banners está modificando a situação de vida das mulheres envolvidas. O que KRUCKEN (2017) chama de “cadeia valor”, é o fator humano, e para as mulheres num sentido mais profundo pode ser a mudança do significado da palavra “trabalho”.

Para Krucken, o designer pode contribuir nesses grupos promovendo a qualidade dos produtos nos territórios e na qualidade dos processos produtivos, pode também

auxiliar na comunicação promovendo as relações territoriais e relações entre consumidores e produtores, apoio também no desenvolvimento dos arranjos produtivos.

Para o grupo de mulheres, especificamente, foram realizadas algumas atividades relacionadas a aplicação do design em seu trabalho, por exemplo:

- Foram levados vários modelos de bolsas para que fosse feita a observação e logo após foi pedido que fossem escolhidos 3 modelos que julgassem interessante produzir.
- Destes modelos foi feita a análise minuciosa de cada um, de forma a detalhar os materiais para posteriormente verificar custo de produção.
- A análise do formato e de como deve ser produzido cada modelo.
- Outras atividades foram apresentados alguns projetos onde houve reaproveitamento de lonas de botes, restos de confecção de indústrias e lonas de banner\ sinalização. Todos esses projetos foram apresentados e feitas as análises orais de como aconteceu a produção desde o início até o final.
- Atividade de introdução a precificação, utilizando como modelo uma bolsa produzida pelo grupo com a análise de todas as suas partes e comparando o uso de matéria prima reaproveitada e a comprada para esta finalidade,

Em relação as atividades citadas acima, ficou empiricamente evidente que os custos de produção tem significativas diferenças utilizando matéria prima de reaproveitamento. Além disso, o valor final do produto tem maior valor agregado.

Importante enfatizar que a maioria das mulheres não chegou a finalizar o ensino fundamental, o que dificultaria outras formas de atividade. Da forma proposta, a utilização de imagens e recursos audiovisuais foi importantíssima para facilitar o entendimento por parte delas, que se interessaram, comentaram e entenderam todas as propostas.



Mulher do grupo costurando. Foto: Manuela Nicodemus.

Esse tipo de ação pode contribuir para o patrimônio cultural das comunidades onde os trabalhos são realizados. No caso do grupo em estudo, as pessoas que adquirem as bolsas, o fazem por conta de dois fatores: quem às faz e também pela questão ecológica que envolve o produto.

A mulheres na economia solidária

Ao abordar as organizações coletivas no Brasil, NOBRE (2003:2) coloca que tanto na recuperação de empresas falidas, grupos criados por ação governamental ou organizações de assessoria, é preciso observar que, mesmo sendo uma organização coletiva, resulta de uma iniciativa individual. Para Nobre, a mulher invisibilizada, não reconhecida, está, por esses motivos, integrando as diversas formas de economia solidária.

Embora alguns grupos não sejam propriamente geradores de renda, mantiveram um mínimo para seu funcionamento e, dessa maneira, justificaram a ausência dessas mulheres em suas casas.

As mulheres convivem com a sua exclusão da história, pois não se escreveu sobre aquelas que não foram rainhas ou heroínas. Ignora-se que sempre houve heroísmo nas lutas diárias das mulheres contra a opressão, a violência e principalmente, contra o silêncio.

Passando pela ótica antropológica de Rita Segato, que analisa a conjuntura latino americana de países permanentemente colonizados e também pela visão poética de Glória Anzaldúa, que mostra a real identidade subjetiva da mulher colonizada, fica mais claro como entender a identidade da mulher latino americana.

As mulheres que vivem nas periferias das cidades latino americanas, e que sobrevivem às mais diversas necessidades materiais e não materiais, estão expostas diariamente a um contexto de contradição e de exploração e habitam um lugar que devemos observar mais atentamente.

A crise da economia hegemônica está posta em todo o planeta, e atinge ferozmente a América Latina, tendo desdobramentos para as classes sociais mais empobrecidas. Isto coloca-nos a pensar a importância dos movimentos feministas, tão fundamentais para o fortalecimento dessas mulheres, que já estavam, e que agora estão muito mais à margem da sociedade.

Algumas mulheres conseguiram modificar o seu viver, e é importante pensar nas alternativas, para que possam chegar mudanças também para outras mulheres que estão nas margens. A partir de ações já existentes, os exemplos poderão percorrer outras existências e se adequar às necessidades de outros diversos grupos.

No que diz respeito às mulheres brasileiras, a violência de gênero cotidianamente vivida alia-se a falta de trabalho e renda, potencializando essa violência. Dito isso, é importante salientar que a mulher não branca e inserida nas classes sociais mais baixas é a que sofre toda a carga de violência possível dentro da sociedade, segundo SEGATO (2016), numa imagem que descreveria bem a realidade, a figura de uma pirâmide invertida, onde na ponta e segurando tudo estaria o corpo da mulher, numa simbologia de opressão, subordinação, castigo, mercadoria e objeto.

A deterioração da empatia é um signo incontestável desses novos tempos e para as mulheres está a tarefa de tentar modificar a realidade organizando outras formas de viver baseadas na política do espaço doméstico. A reconstrução dos vínculos

comunitários, do simbólico, do alternativo seriam as saídas para que a situação de conquistada, que perdura mais de quinhentos anos, finalmente mude.

Para as mulheres do grupo, esse trabalho às coloca novamente como sujeitos de suas vidas, elevando a sua autoestima, resgatando subjetividades e às colocando numa relação de compartilhamento de vida com outras mulheres, trocando experiências, histórias e ideias.

Referências bibliográficas:

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: La nueva mestiza**. Universidad Nacional Autónoma de México. Programa Universitario de estudio de Género, 2015.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. Studio Nobel, São Paulo, 2009.

MANZINI, E. **Design When Everybody Designs**. An Introduction to Design for Social Innovation, 2017.

NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu. **Reflexões e práticas de transformação feminista**. SOF Sempre Viva Organização Feminista (SOF), 2015.

PAULON, Graziely B. F. Santos. **Rede de Economia Solidária no Município de Dourados-MS: uma análise sobre a participação das mulheres**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

PAPANECK, Vitor. **Design for the Real World: Human Ecology and Social Change**, New York, Pantheon Books, 1971.

SANTOS, Boaventura S. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Editora Traficantes de sueños, Buenos Aires, 2016.